

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A horrorosa situação dos habitantes do Algarve

A população do Algarve está atravessando uma crise tão pavorosa que assume todos os tons de tragédia. O doloroso acontecimento só se torna possível numa sociedade em que a desigualdade económica é regra única.

Todos os recursos têm faltado para assegurar a existência dos desvalidos. A fome, todas as privações, vão assaltando os lares dos trabalhadores, sem que em meio da tristeza que naturalmente pesa nos desditos se vislumbre um raio esperançoso de mais fartos dias.

Os frutos são actualmente o único alimento das desventuradas vítimas de uma péssima organização social. E este regime de alimentação, que poderia ser proveitoso se houvesse uma regular e metódica preparação do organismo, contribui para a violenta estioloação dos infelizes.

O trabalho paralisou completamente em toda província. O operário apenas tem o recurso de fugir da terra madrasta para se furtar a uma morte horrível. Como tem Junto de si uma família que o estremece, o operário não quer abandonar a sua casa, preferindo suportar todas as privações.

No entanto, tudo está por fazer no Algarve — como em todo o país. Não há comunicações, não há obras de fomento, e tudo que poderia dar trabalho e pão se encontra abandonado.

Comissões algarvias têm vindo à capital, no anseio de quem recorre à última instância. Falam com ministros e deles recebem boas palavras e melhores promessas, mas os actos nunca mais vêm materializar as promessas e as palavras.

E a situação não se resolve, a população continua sofrendo horrorosamente as privações impostas pelo capitalismo, cuja falácia para a gestão da sociedade se torna tão evidente nos nossos dias.

A população do Algarve morre de fome; aniquilam-se os habitantes em torturantes privações. Tudo isso não impressiona o capitalista, que tem sempre a probabilidade de viver, mesmo que o trabalhador clame por um pouco de pão.

NA PENITENCIARIA

A exploração exercida sobre os reclusos pelos arrematantes das oficinas

Um preso injustamente perseguido sob a acusação de ter informado a "Batalha"

Ainda acerca da desumana exploração de que são vítimas os reclusos da Penitenciária, por parte dos arrematantes das oficinas, recebemos a carta que passamos a publicar:

Sr. Director: — A notícia vinda a lume na "Batalha" de 8 do corrente sobre as oficinas dos cesteiros e manceiros exploradas pela direção causou grande irritação entre os atingidos, que imediatamente juraram vingar-se da pessoa que eles presumem ter revelado publicamente as suas mazelas.

Os atingidos, com o celeberrimo "Salão" à frente, começaram logo a condenar a maneira de se salvarem, tendo aquela pedido aos seus colegas arrematantes para mandarem um desmentido para a "Batalha". Porém, um dos arrematantes negou-se a isso dizendo que isso equivaleria a ir deitar lenha na fogueira, sendo provável que depois ainda viesses a ser reveladas mais algumas das traficâncias que ainda estão inéditas.

As suspeitas sobre quem teria informado a "Batalha" caíram sobre mim. E outem, como minha companheira me viesse visitar e estivesse aleijada dum pé, pedi a um guarda para lhe ir entregar 10 escudos para comprar alguma coisa e ir para casa de carro.

O guarda aceitou o dinheiro e foi entregar ao chefe dos guardas e este, por sua vez, levou-o ao director. Estava encontrado o pretexto para ser fechado e posto incomunicável na minha cela, visto que tinha pretendido dar a oculatas do guarda 10 escudos à minha companheira...

Então já não se pode socorrer a família com o produto do nosso trabalho? Será isso um crime? Nesses casos deve ter cometido uma acção criminosa o recluso que fez aquilo o tremendo vigário das "series recuperáveis", que recebia o dinheiro e fazia pagamentos na própria secretaria. Este recluso ficou impune...

Para que sobre mim não recaiam suspeitas injustamente, informo o público que o sr. Silva Saloio tem nas suas oficinas centenas de cabazes manufacturados com o miolo, o vime, que é o que os outros deixam fora e que os pretende pôr à venda para intrujar a clientela. Ao menos contribua com esta declaração para tornar justificável a perseguição sóbre mim exercida.

De v. etc. etc. — Abílio Jaime Barreiro, recluso 342 da Cadeia Nacional.

A ESCOLA MODERNA DE BARCELONA

Uma declaração em que se revelam claramente os objectivos do seu fundador Francisco Ferrer

Agora que se pretende especular com o nome de Francisco Ferrer, fusilado pela reacção jesuítica em Espanha, não deixa de ser oportuno publicar o seguinte trecho das ideias do grande pedagogo que foram apreciadas e aplaudidas no Congresso International de Livre Pensamento, há anos realizado em Paris:

"É triste ver e ouvir certas pessoas que exercem o ensino ou que se ocupam especialmente da questão social, criticar os sistemas de educação em vigor, propondo outros métodos que em nada diferem dos que suscitam a sua cólera.

Propõem-nos a chamada liberdade absoluta do ensino, que apenas aproveita às congregações religiosas e que ninguém pede fora delas, ou então monopólio pelo Estado.

A Escola Moderna de Barcelona julga que os livres pensadores de boa fé erram o caminho quando não encaram a questão sob o único ponto de vista que ela abrange.

A verdadeira questão, a nosso ver, consiste em servirmo-nos da escola com o meio mais eficaz para chegar à emancipação completa, isto é moral, intelectual e económica da classe operária.

Se todos estamos de acordo em que a classe operária, ou melhor ainda, a humanidade em geral, nada deve esperar de um Deus ou de um poder sobrenatural qualquer, temos de substituir esse poder por uma outra entidade, o Estado, por exemplo?

Não, a emancipação proletária só pode ser obra direta e consciente da própria classe operária, da sua vontade de se instruir e de saber.

O povo trabalhador se continua na ignorância permanecendo escravizado pela Igreja ou pelo Estado, isto é pelo Capitalismo representando essas duas entidades.

Pelo contrário, se se inspiram na razão e na ciência, o seu interesse bem compreendido brevemente o impeliu a pôr termo à exploração, a fim de que o trabalhador se possa tornar árbitro dos destinos humanos.

Trata-se por conseguinte, a nosso ver, em pôr, antes de tudo, a classe operária em estado de compreender estas verdades.

A medida que nos sindicatos estas verdades elementares vão penetrando cada vez mais entre os trabalhadores adultos, tentemos fazê-las entrar igualmente nos cérebros das crianças e dos adolescentes.

Estabeleçamos um sistema de educação pelo qual o homem possa chegar a conhecer, depreender, e bem, a origem da desigualdade económica, a mentira religiosa, o maléficio do patriotismo guerreiro e as rotinas familiares e todas as demais que o retemem escravidão.

Não é o Estado, expressão da vontade de uma minoria de exploradores, que pode ajudar-vos a atingir este objectivo. Essa ilusão seria a pior das loucuras.

Se queres bons comerciantes, hábeis guardas-livros, funcionários peritos, gente que só pensa em garantir o seu futuro sem se preocupar com o dos outros, dirigi-vos ao Estado, à Câmara do Comércio e a todas as ligas ou sociedades patrióticas; mas se queres preparar, como devês querer, um futuro de fraternidade, de paz e de felicidade para todos, dirigi-vos a vós mesmos, aqueles que sofrerem com o regime actual, e fundai escolas como a nossa onde possais ensinar todas as verdades adquiridas.

E que vos importa o apoio do Estado? se podéis emfin ser senhores em vossa casa e ter a certeza de que, em um futuro pouco afastado, haveréis criado gerações conscientes, que já não seriam instrumentos de tirania, mas seres livres resolvidos a viver dignamente no bem estar geral e numa verdadeira solidariedade humana?

Saudando uma atitude nobre

O Grupo de Propaganda e Defesa Social de Setúbal, reunido para tratar de vários assuntos, apreciou largamente a atitude nobre mantida no Congresso Pedagógico, pela professora D. Vitoria Pais.

Constatando que as retrógradas ideias clericalistas estão avassalando quasi todos os campos, inclusivamente o professorado primário, não podia o Grupo de Propaganda e Defesa Social, sem atraíçao a sua razão de ser, como pioneiro da Liberdade e amante da Verdade, deixar de oferecer à sr. D. Vitoria Pais o seu fraco mas incondicional apoio, certo de que se coloca ao lado dum atitude que revela um nobre e extraordinário arrojo por parte de quem tanto intrepidamente a manteve.

A atitude da sr. D. Vitoria Pais é digna de ser seguida especialmente por aqueles que, afirmando-se liberais, têm sobreidotado o dever de preservar a criança como mais fraca e menos experiente da vida, das armadilhas das quais pretendem que as suas ideias nelas proliferem por serem para isso o campo mais apropriado.

O Socorro Vermelho vai realizar em Beja uma conferência regional

Pelo Comité Central Central do Socorro Vermelho foi fixada definitivamente, para 22 e 23 do corrente mês, a realização da Conferência Regional do Sul, que se efectuará em Beja.

Na passada quarta-feira efectuou-se uma reunião entre o Secretariado Geral desse Comité e delegados do Comité Pró-Presos, sendo por aquele secretariado apresentada a estes delegados uma proposta de fusão que ficou de ser estudada pelo Comité Pró-Presos.

Concurso para professor

Foram admitidos ao concurso para provimento de uma vaga de professor efectivo do 8.º grupo do Liceu de Vila Real os ssrs. António Necodemos de Sousa Pires, Eduardo de Almeida Esteves, Luís Tavares da Silva, Manuel António Braga da Cruz e João Joaquim Pires.

"A Batalha" necessita do apoio do proletariado para que não suspenda

O proletariado tem sido a única força que sustenta o nosso jornal. Nas emergências mais dolorosas, sempre A Batalha tem visto a seu lado toda a classe operária, contribuindo, numa bela manifestação de solidariedade e consciência, para que o órgão da causa popular possa continuar a sua notável missão.

A gravíssima situação de A Batalha obriga-nos a lançar novo apelo à consciência de todos os trabalhadores. Apelos que já não fazímos há dois anos. Mas todos os nossos recursos se esgotaram e A Batalha continua a ser um jornal indispensável à causa operária, à própria causa da população.

Falam por nós as campanhas que em A Batalha temos mantido contra toda a amoralidade da burguesia e do capitalismo.

Necessitamos, agora, com urgência, saber da opinião do proletariado sobre a vantagem de perdurar A Batalha. Um jornal, como o nosso, sem subvenções que deprimente e desonra, tem de ser mantido com inaudito sacrifício. Ao proletariado basta um esforço para que surjam os recursos necessários, neste momento, para a manutenção do jornal.

A Batalha chegou a esta situação deplorável: se não a auxiliarem, e quanto antes, suspende a publicação.

A vida de A Batalha está nas mãos daqueles que entendem que ela, neste momento mais do que nunca, deve viver.

E ela tem de viver para desmascarar a alta finança, para manter a distância a reacção, para defender os interesses de uma grande maioria de explodidos que, neste momento, se encontram numa situação tão difícil que não podem manter de pé e firme o seu baluarte na imprensa diária.

Que os nossos leitores não esquecam este facto importantíssimo: A Batalha, se não a auxiliarem imediatamente, morre.

Para que "A Batalha" não suspenda!

A administração de A Batalha dirige-se neste momento aos seus amigos agentes para que liquidem com brevidade as contas que tenham em atraso. Com esta regularização, espera a administração de A Batalha cobrar a quantia necessária para solver vários compromissos urgentes, esperar, igualmente, que as pessoas que tenham contas em atraso para com este jornal sintam a responsabilidade que possa atribuir-se-lhes qualquer demora.

O que alivia um amigo do nosso jornal

Sr. director: — Acordo ao apelo feito, hoje, em A Batalha e lastimo a publicidade das circunstâncias precárias em que se encontra este jornal, para mim, o único defensor dos oprimidos. Com quanto não concorde, em absoluto, com a orientação anarcosindicalista, que caracteriza tão importante periódico, estou, no entanto, sempre a lado dele por não haver outro melhor.

Há mal que se torna num bem... e o mal que seria o desaparecimento de A Batalha — é um bem, por vir pôr a prova o valor do operariado consciente.

Considero-me, também, um trabalhador, a pesar, por má observação das coisas e dos indivíduos, muitos operários não apreciam como seus companheiros de infarto aqueles que, como eu, vivem do seu esforço intelectual. Verdade seja, como contra-partida, os funcionários do Estado ou do Município têm uma grande relutância de se acamaradarem com os da blouse de ganga... mas tenho esperança que todos os que sofrerem com o regime actual, e fundam escolas como a nossa onde possam ensinar todas as verdades adquiridas.

E que vos importa o apoio do Estado? se podéis emfin ser senhores em vossa casa e ter a certeza de que, em um futuro pouco afastado, haveréis criado gerações conscientes, que já não seriam instrumentos de tirania, mas seres livres resolvidos a viver dignamente no bem estar geral e numa verdadeira solidariedade humana?

Nas oficinas da Companhia Portuguesa continuam sendo infligidos aos operários cruéis castigos

Os dois últimos artigos causaram grande sensação.

Ninguém supunha, mesmo em presença do que se havia já descrito, que se chegassem a cometer barbaridades como as que apontámos.

Muita gente pregunta, e com razão, como se tem podido praticar tanta rasteira, como sem que o pessoal mostre, num colectivo gesto, a sua indignação.

E tudo se pratica com a maior das facilidades.

Como se provou, já não há consideração alguma nem pela idade, nem pelos anos de serviço, nem pelo uso e abuso do trabalho dos servidores.

Percebe-se sistematicamente para se manter o terror entre o pessoal. O caso do contra-mestre dos estoños não ficou por ali. Depois de estar suspenso quase um mês, quando voltou ao trabalho recebeu a agradaável... notícia de ter sido baixado de classe a chefe de brigada!

Há casos tão extraordinários que não têm paralelo. É um deles. Reflete tanta maldade, tão grande dose de cinismo, que repugna só lembrá-lo. E assim se coloca moralmente um homem numa situação vexatória, ao fim de quarenta anos de serviço, para satisfação do engenheiro ditador.

Ele, que deu cabo do contra-mestre Machado, quer naturalmente aniquilar também este.

E assim continuará, até quando?

Os vários engenheiros de secção continuam nas suas proezas. Na oficina de montagem de máquinas deitam dia-horas um caso cômico. Um operário foi ameaçado de que seria despedido à mais pequena falta que viesse a cometer, isto a propósito de qualquer coisa, sem importância. O referido operário, não querendo suportar tal vexame, respondeu que não lhes daria o incômodo de despedirem, visto que ele retirar-se-ia, o que fez em seguida.

No dia seguinte, foi buscar a respectiva ferramenta. Pois já depois do homem se ter despedido, apareceu um aviso castigando-o com uma hora. Interessante!

E tal, a ânsia de ferir a dignidade dos ferroviários, sob uma velocidade adquirida a noventa à hora, que já se chega ao ponto de castigar operários, depois deles não fazerem serviço na Companhia! Só a trocar.

Na oficina de ferraria foram castigados operários que não enceram bem as tintas de água que servem para deitar o carvão das forjas. Um outro por estar desascendendo uma batata dois minutos antes do toque — com meio dia de desconto.

E' bárbaro, mas que querem? o pessoal aguenta!

O engenheiro Horta e Costa, surpreendendo um operário no criminoso gesto de tirar um prato para dentro dum balde com água, a fim de o lavar à hora da refeição, aplicou-lhe meio dia de desconto a trabalhar.

Na ferraria, dois operários, com o pretexto de que estavam conversando e outre se encontrava a dormir em pé em frente da forja, sofreram meio dia de desconto cada um.

Estes casos são de facto mesquinhos, mas a sua descrição é feita por dois motivos, especialmente: pela violência e exploração que traduzem e atitude de resignação ante os mesmos demonstrada pelos ferroviários.

Evitá-los seria o melhor caminho a seguir. Só o conseguirá o pessoal fortemente unido e salvaguardado na solidariedade que entre si deverá estabelecer, se quiser desfazer essa terrível inquisição.

Nós prosseguiremos, entretanto...

Assinem Os mistérios do Povo

A transportar . . . 84340

ACÇÃO PROFICIA

A existência trágica das famílias operárias na sociedade capitalista

PORTO. 13 — Há dramas pequenos que são a nítida síntese dos grandes dramas. No sofrimento dumha família vê-se o reflexo, igneamente moral, de milhares delas. E no entanto, pouca gente, incluindo muitas vezes as próprias vítimas, repara num tanto formidável *eram* de exemplos vividos...

Um matutino, hipocritamente condómo pelas misérias alheias, relatou-nos uma punjante novela de um pai, de uma mãe e umas filhas que, tendo outrora um viver de relativa felicidade, hoje debatem-se na mais extrema penúria.

O chefe da prole tombado na miséria impossibilitava-se para o trabalho; uma das filhas, que, para amparar com o seu esforço as agruras da infância em que caía o lar, começou a trabalhar excessivamente, definhando-se, tingiu-se com as tintas da clorofita; predispos os pulmões para o festeim coroado do exército bacilar...

A agravar a dôr lancinante da família decadente juntaram-se, os prantos da mãe e as suas súplicas à esmola — que terminaria quando o marido eternamente tivesse terminado o seu sofrimento e quando a vítima do excesso de trabalho definitivamente se esgotaria na dolorosa consumação da tísica — e quando, também, o restante do lar fôr atrelado ao carro triunfal dos «puxados a quarto»...

Ora éste quadro observa-se, centenariamente multiplicado, por uma infinitade de bicos, ruelas e calçadas do burgo inestético e impropositado. Aquela cena é o resumo pungente de inúmeras cenas idênticas...

E no entanto, não achando suficiente a sua favorosa quantidade, pretende-se submeter toda a população trabalhadora àquela situação humilhante e desumana de crucificantes misérias...

Há milhares de indivíduos impossibilitados de trabalhar, ou por não terem onde alugar os seus esqueléticos braços ou por estarem estropiados ou combalidos pelo desastre ou esfalfamento resultante do excessivo serviço ou péssima alimentação...

Mas como esses infelizes não preenchem ainda o bastante os quadros dos maltrapilhos em marcha acelerada para o necrotério simples fazem aterrados pela dura lex do capitalismo, o patronato, de parceria com os governantes, exige que se aumente ao número dos desgraçados, das famílias martirizadas *style* da que fica apontada...

imprensa, e contrariamente ao desmentido oficial. — (H.)

Una conferência do império britânico

O Reino Unido vai reunir-se com os Domínios

LONDRES. 13 — A agenda para a próxima conferência imperial, que deve reunir-se nesta cidade a 19 de outubro próximo, está praticamente elaborada, podendo, porém, sofrer alterações depois da chegada dos primeiros ministros dos Domínios. As mais importantes discussões incidirão especialmente sobre a política externa e as questões a que tem dado lugar. A conferência considerará ainda o sistema de comunicações e o seu desenvolvimento, debatendo-se as consultas feitas pelo governo do Império. As questões económicas constituem também um ponto importante da agenda, devendo ser passado em revista o comércio inter-imperial, o trabalho da comissão económica imperial e a posição do Império nos mercados mundiais. No sistema de comunicações será ainda objecto de debate especial a confecção de «filmes imprensos» para a permuta entre todos os territórios do Império Britânico. — (L.)

TEATRO NACIONAL

HOJE

COMPANHIA

Ilda Stichini-Alexandre Azevedo

A interessante peça em 3 actos, original de *Lucien Nepoty*, tradução de A. de Almeida e A. Dias da Costa

Os Filhos

Encantador entrecho
Espirituosos diálogos
Situações esplêndidas

Protagonista:

Ilda Stichini

Festa em Paço de Arcos

Realiza-se hoje, na sala do Vitória Casino, em Paço de Arcos, uma festa de beneficência com o seguinte programa:

1.ª parte: «Tosca» di Puccini—Fantasia dramática, G. Walter; Solo de Violoncelo, pelo prof. Manuel Prego, com acompanhamento de orquestra, J. P. Mineiro; «O Rebeirinho», poesia da aluna Maria Pereira, Rosa Silvestre; «Chasson de Solvay», pela aluna Emilia Montalvo, Grieg; Variações para flauta sobre um motivo da ópera «Sonnambula» de Bellini, pelo prof. Manuel Marques, J. C. Ximenes; «Prelúdio» para piano, pelo aluno Edmundo de Macedo, Carlos Botelho; «Prenda de anos», poesia pela autora, Emilia Montalvo; «Rapsódia Portuguesa» sobre cantos populares, pela orquestra, Augusto Marques; «Palavras Cínicas», conferência pelo académico Albino Forjaz de Sampaio.

2.ª parte: Fados e canções, pelo amador Alfredo Marques; «Cavalaria Rusticana», de Pietro Mascagni—Fantasia, Augusto Marques; Romanza da ópera «Madame Butterly» pela aluna Emilia Montalvo, Puccini; «Il Ferito Morente por la Patria», solo de violoncelo pelo prof. Manuel Prego, Carlo Curti; «Onça», soneto-pela aluna Maria Pereira, Adriana d'Alter; «Visão», soneto-pela autora, Maria Pereira; «Pensamento Musical», quarteto, Augusto Marques; «Cântico do Rouxinol», pela aluna Emilia Montalvo, A. Sarti; «Senhor breve», pela aluna Emilia Montalvo, Augusto Marques; Prelúdio da zarzuela «Anillo de Hierro», pela orquestra, M. Marques; «Eco», capricho, pelo professor, Augusto Marques.

Há grande entusiasmo por esta festa verdadeiramente artística que levárá ao Barreiro os que pela Arte se interessam e que sabem apreciar o valor.

«A BATALHA» no Cais do Sodré, 88

NO I.º TRIBUNAL MILITAR

Os soldados que se insubordinaram em artilharia 3 foram ontem julgados

Prosseguiu ontem no primeiro tribunal militar o julgamento de 15 praças de artilharia 3, acusadas de insubordinação. O público que assistiu à audiência era muito numeroso.

Ao abrigo da audiência, iniciaram-se os debates, falando primeiramente o promotor da justiça, que salientou a quasi imutilidade do processo, por falta de fundamentada acusação. Não podendo, por isso, indicar quais os cabeças de motim, atribuiu as maiores responsabilidades ao cabo.

Depois, falou o defensor oficial, que disse:

— O vício fundamental deste processo é que se encontram só 15 homens a responder devendo estar todos os que foram presos. Porque estão aqui só estes?

Porque sobre elas caiu o olhar de algum oficial ou de algum sargento. Vieram assim um pouco ao acaso, da mesma forma como salvava celere o parapeito da trinchera ao receber ordem do assalto, eram fusilados pelo pelotão de execução, um pouco ao acaso, uma dúzia de soldados. Eu sei, pelas suas declarações particulares, segredos que me confiaram, o que deu motivo àquela efervescência momentânea. Há neste processo dois pontos fundamentais a resolver: averiguar qual a causa próxima ou remota que os levou àquele gesto e indagar do passado militar destes homens, muitos dos quais têm nas folhas de matrícula alguns louvores.

Saliente que não foi necessário da parte dos oficiais que interviveram no conflito usar de medidas energicas, o que prova que este processo pretende dar um imerecido vulgo a um simples acto de vida interna dos aquartelamentos. Não pretende fazer história da efervescência havida em artilharia 3, garantido, porém, que, de há muito, factos havidos na sociedade portuguesa por falta de espaço para serem expostos.

Há trabalhos de cerâmica que são verdadeiras peças de requintado gosto artístico. E admirando-as recordámos a Jarra Manuela, que há anos vimos em Maia, sujeita a qualquer danificação, e que estamos certos do grupo dos Amigos do Museu Rafael Bordalo deve diligenciar colocar ali, onde tem o seu lugar. Foi admirando essas pequenas peças de cerâmica que recordámos a Jarra Beethoven, actualmente no Brasil.

Foi contemplando essas peças que melhor pudemos apreciar o valor do notável artista Rafael Bordalo Pinheiro. Foi após a visita a esse Museu que verificámos quanto foi grande a obra do artista, e persistente o esforço do seu colecionador sr. Cruz Magalhães.

Não descrimina responsabilidade de cada réu. Considera os estreitamente unidos nas suas culpas, irmãos no mesmo destino.

O tenente Lebre, defensor escolhido pelo soldado César Gonçalves, comece por saudar o tribunal, fazendo um rendilhado discurso sobre Justiça e garantindo ao tribunal a inocência do seu constituinte, pelo que pede seja absolvido, apresentando como atenuante dos factos considerados criminosos o período revolucionário em que eles foram produzidos.

A sacramental pregunta feita pelo presidente do tribunal, se os réus têm mais alguma coisa a alegar em sua defesa, o 1.º cabo Vieira Rodrigues, os soldados Amadeu Alves, Isidro Carvalho e Joaquim Pachacino prestam ainda algumas declarações que nada vêm modificar a situação em que se encontram.

Em seguida o secretário do tribunal leu os quesitos referentes aos réus, após o que o júri retira para a respectiva sala.

Algum tempo depois foi lida a seguinte sentença:

Cabo Francisco Vieira Rodrigues, 3 anos de presídio militar, na alternativa de igual pena de deportação militar; soldados António Correia, 2 anos e 4 meses de presídio, na alternativa de igual tempo de deportação; Patrocínio Pereira, 2 anos e 3 meses de presídio, na alternativa de igual tempo de deportação; António Rodrigues Lata, 2 anos e 4 meses de deportação; Mário Faria Rôla e Isidro de Carvalho, 4 meses de incorporação no Depósito Disciplinar; César Gonçalves e António Duarte, 3 meses de incorporação no mesmo Depósito; Tiago Cesário, Norberto Ferreira, Joaquim Romante, Amadeu Alves e Joaquim dos Prazeres, 2 anos de incorporação no mesmo Depósito; Manuel Rosa e José Ferreira, 30 dias de prisão disciplinar, e José Fernandes 25 dias de prisão disciplinar.

O grupo Anarquista «A Flama» enviou também um ofício ao ministro da Norte América protestando contra a iniquidade da justiça «yankee».

Preparamos de fazer esta manifestação de consciência e não podemos deixar de acorrer a salva-lós.

O Grupo Anarquista «A Flama» enviou também um ofício ao ministro da Norte América protestando contra a iniquidade da justiça «yankee».

Os condenados em pena maior recorrem da sentença para a 1.ª Divisão.

... Mas é preciso contrariar estas actividades maquiavélicas dos nossos exploradores e gritar-lhes bem alto que os nossos sentimentos de solidariedade humana não podem permitir tão monstruoso crime, e que forçoso é restituir essas duas vítimas à liberdade, enquanto antes.

Precisamos de fazer esta manifestação de consciência e não podemos deixar de acorrer a salva-lós.

O Grupo Anarquista «A Flama» enviou também um ofício ao ministro da Norte América protestando contra a iniquidade da justiça «yankee».

Em seguida o secretário do tribunal leu os quesitos referentes aos réus, após o que o júri retira para a respectiva sala.

Algum tempo depois foi lida a seguinte sentença:

Cabo Francisco Vieira Rodrigues, 3 anos de presídio militar, na alternativa de igual pena de deportação militar; soldados António Correia, 2 anos e 4 meses de presídio, na alternativa de igual tempo de deportação; Patrocínio Pereira, 2 anos e 3 meses de presídio, na alternativa de igual tempo de deportação; António Rodrigues Lata, 2 anos e 4 meses de deportação; Mário Faria Rôla e Isidro de Carvalho, 4 meses de incorporação no Depósito Disciplinar; César Gonçalves e António Duarte, 3 meses de incorporação no mesmo Depósito; Tiago Cesário, Norberto Ferreira, Joaquim Romante, Amadeu Alves e Joaquim dos Prazeres, 2 anos de incorporação no mesmo Depósito; Manuel Rosa e José Ferreira, 30 dias de prisão disciplinar, e José Fernandes 25 dias de prisão disciplinar.

Oz condenados em pena maior recorrem da sentença para a 1.ª Divisão.

Foi também nomeada uma comissão para estudar a fusão da Associação dos Funcionários com a Associação dos Assalariados.

Foi ainda nomeada uma Comissão de Melhoramentos para tratar junto do Ministro do Comércio do cumprimento do decreto nº. 6.955, reorganização dos quadros, efectivação da Caixa de Reformas e Pensões e outros melhoramentos para a Classe, ficando esta Comissão autorizada a entender-se com Comissão dos Assalariados de forma a trabalharem em conjunto.

Um marido perigoso

Maria Fernandes Costa, de 32 anos, natural de Eixo, moradora na rua de S. Sebastião da Pedreira, 196, loja, foi alferida com um tiro no peito por seu marido. Transportada ao Hospital de S. José, foi-lhe no Banco extraído a bala pelos drs. José Paredes e Henrique Ruas, recolhendo depois a casa.

Assinatura: pelo correio, cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no gênero se publica

Queimado com água fervente

No posto da Cruz Vermelha recebeu curativo dando depois entrada na enfermaria 1 do Hospital Estafanha, Carmen Xavier, de 6 anos, filha de Jaime Xavier e de Ana Maria Xavier, residente em Arrentela, (Amora) e que ali ficou muito queimada com água fervente pelo corpo.

A VAGA REACONDICIONADA

Um anel aos liberais de Setúbal

Um grupo de liberais convidado o voto liberal de Setúbal a assistir a uma reunião, com o fim de assentir a melhor maneira de levar a efeito um protesto contra a projecção processual da Senhora do Cais.

E indisponível a comparação de todos os liberais a esta reunião que terá lugar na Associação dos Trabalhadores da Fábrica, na proxima segunda-feira, 16 do corrente, pelas 21 horas.

Concertos artísticos populares

Os concertos populares que a apreciável banda da Sociedade Instrução e Recreio Bairricense tem realizado na sua sede, no Barreiro, contribuindo para a educação artística do povo daquela laboriosa vila, vêter e seu epílogo este ano com um festival expressivamente organizado e que terá lugar no dia 26 do corrente — quinta-feira.

O maestro e compositor Manuel Ribeiro, que cheia essa banda, composta por 45 executantes, está organizando um programa verdadeiramente artístico, que será rigorosamente executado. Esse programa será constituído por uma seleção de todo o vasto repertório até agora executado.

Edições de "A Sememente"

Práticas neo-maltusianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$30

A pele religiosa..... \$40

A Liberdade..... \$50

A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 88

Um negócio de pouca monta

A direcção dos Bombeiros Voluntários de Constância, tendo-lhe constado que a Câmara Municipal de Lisboa tinha à venda alguns carros de material de incêndios, e necessitando adquirir um desses carros, pediu em ofício a informação acerca das condições em que pode ser dispensado. A comissão administrativa resolveu comunicar que podia ceder um carrinho de manutenção, desguarnecido de material, por 500 escudos.

REFORMA-SE O CALENDARIO ?

A feira de Agosto deve efectuar-se

em Setembro

Até ao próximo dia 10 recebem-se requerimentos para o aluguer de terrenos no local da Feira de Agosto. A praça realiza-se no dia seguinte e refere-se a lotes que ainda não tenham sido arrematados. Os individuos que arremataram terrenos na praça anterior e que até à nova praça não pagarem a importância em dívida perdem o direito ao terreno e ao depósito provisório.

TIVOLI TELEFONE N. 5474

Às 21 horas

PENÚLTIMA EXIBIÇÃO

Salammbô

Reconstituição cinematográfica da obra prima de FLAUBERT. Novo partes.

Os principais papéis por JEANNE DE BALZAC e ROLLA NORMAN. Encenação de PIERRE MARODON.

O ILHEU DAS PEROLAS

Film de aventuras em seis partes com MARY MAC LAREN

Revista mundial

A'MANHÃ:

"MATINÉE" ÀS 3 HORAS

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

AGENDA

CALENDARIO DE AGOSTO

	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,49
D.	8	15	22	29	Desaparece às 19,33
S.	9	16	23	30	FASES DA LUA
T.	10	17	24	31	I. N. dia 8 às 13,39
Q.	11	18	25	Q. C.	• 16 • 16,39
Q.	12	19	26	Q. L.	• 23 • 12,38
				Q. M.	• 30 • 4,40

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94575	
Madrid cheque	3899	
Paris, cheque..	554	
Suíça	378,5	
Brunelas cheque	554	
New-York	19555	
Amsterdão	7585	
Itália, cheque ...	365	
Brasil,	305	
Praga,	558	
Suécia, cheque	524	
Austria, cheque	2577	
Berlim,	4500	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Nacional—As 21—Os Filhos...
Gimnásio—As 21,30—Três Meninas... Nunca...
Teatro—As 21,45—A Casa de Suzana...
Erenéon—As 21,45—O Dr. da Mula Ruiva...
Maria Vitoria—As 21 e as 22,45—O Lar...
Teatro São—As 21—Variedades...
Variedades—As 21,45 e as 22,45—O Pô de Arroz
Cinema (Vidente) (A Graca)—Espectáculos às 21,45—sábados e domingos com matinée...
Licra—Todas as noites Concertos : di-
visões.

CINEMAS
Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terreiro—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Trocão—Cine Paris...

IMAS NACIONAIS

UNIÃO
MARCAS REGISTADAS
UNICO TOME FESTA, L.L.C., Rua das Flores, 1277
EXPERIMENTAL, poiso, as noites, 11,45—12,45, encontrando a sede em 1023, 02-223-2223, cim erlos de terragendo pa...

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%,
NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora... 32411
Sapatos em vermelho... 38431
Botas pretas (grandes salões)... 38431
Espos brancos (salões)... 38431
Gravatas salão botas pretas... 38431
Botas e calçar para homens... 40631

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa
Verdem, poiso só encontra boas marcas,
A Social Operaria e marcas das Cavaleiras,
12-29, com final na mesmaria, n.º 45.

TALÃO BRINDE
38 — Rua de S. Paulo — 40
(Junto ao Arco)
O possuidor deste anúncio tem direito, mediante a apresentação do mesmo, ao desconto de 10% no calçado que comprar na nossa casa, recebendo na ocasião um talão numerado com que fica também habilitado a entrar no sorteio.
O nosso calçado tem o preço de venda marcado, para que possam confrontar com o das outras casas congêneres. Tudo quanto se dá é dos nossos limitados lucros.

Associação de Socorros Mútuos DR. BERNARDINO MACHADO
Não tendo reunido no dia 9 do corrente número legal para ter lugar a assembleia geral marcada para esse dia, ficam os srs. associados avisados que, no dia 19 do corrente, pelas 21 horas, reunião a assembleia com qualquer número, para apresentação do relatório e contas e parecer do conselho fiscal do ano de 1926.
Lisboa, 8 de Agosto de 1926.
O presidente da mesa, José da Costa Gomes.

Associação de Socorros Mútuos A INSTRUÇÃO
Não tendo reunido no dia 7 do corrente número legal para ter lugar a assembleia geral marcada para esse dia, ficam os srs. associados avisados que, no dia 18 do corrente, reúne a assembleia com qualquer número, para apresentação do relatório e contas e parecer do conselho fiscal do ano de 1926.
Lisboa, 8 de Agosto de 1926.
O secretário da mesa, Amílcar Coutinho de Carvalho.

A CURA DAS DOENÇAS PE LAS PLANTAS, livro útil ás boas donas de casa. Preço 2800; pelo correio, 2850. Pedidos á administracão de A Batalha.
Pedidos á administracão de A Batalha.
A revolução Social e o Sindicalismo
Por Arckino. Preço 1850.

Pregão de revolta
Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.
Preço 1850; pelo correio, 1820; registo, 1855. Pedidos á administracão de A Batalha.

14-8-1920

OS MISTERIOS DO FOGO

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—As 8 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Gengivas, dentes, urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—II e III horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—10 horas.
Doenças das olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.
Análises—Dr. Gabriele Beato—4 horas.

Policlínica do Rato
PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.º
TELEF. N. 1.200

Dr. Júlio Gonçalves—Boca e dentes, às 13 horas.
Dr. António Monteiro—Clínica geral, senhoras e crianças, às 11 horas.

Dr. Lourenço Rainundo—Rins e vias urinárias, às 13 horas.
Dr. António Fernandes—Medicina geral e doenças nervosas, às 15 horas.

Dr. João de Morais Sarmento—Ginecologia e operações, às 16 horas.
Dr. Raival Saavedra—Pele, sifilis e pulmões, às 17 horas.

Dr. Tavares do Couto—Garganta, nariz e ouvidos, às 15 horas.

Dr. José Crespo—17 1/2 h.—Clínica médica, estômago, intestinos e fígado.

Análises clínicas, electroterapia, maçagem e ginástica médica



Fábrica de Malas, Carteiras e Artigos de Viagem

DE JOAQUIM PEREIRA MONTEIRO

Rua da Cruz da Carrera, n.º 43

Estabelecimentos para venda ao público:

Praça José Fontana, N.º II e II-A

Avenida Casal Ribeiro, N.º 45 e 47

LISBOA

Telefone N. 5.347

14-8-1920

O AUTOMÓVEL SÓ ERA

ACESSIVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense

de Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Por isso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxi "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528

Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

Caminhos de Ferro do Estado

A BATALHA

EM LEIRIA

Uma torpe armadilha destinada a conseguir a condenação de um operário inocente

Descreve-se a forma como se afirmam para a cadeia criaturas que nenhum delito cometem

Por algumas vezes se ocupou já A Batalha da minha prisão e da perseguição acintosa que o comissário da polícia desta cidade me move; mas, para que os casos fiquem suficientemente esclarecidos, e a verdade chegue à tóda a gente, proponha-me hoje escrever e relatar tudo quanto serviu como pretexto para a consumação da infâmia que se propõe inutilizar-me e tornar infame a propaganda realizada aqui pelo Grupo Anarquista «A Flama» a que eu pertenço.

A minha prisão e a do camarada Domingos da Conceição Felizardo, feita a propósito dos manifestos contra o povo Matias da Silva, que se tem evidenciado na prática da maiores infâncias e violências, há muito que se vinha premeditando, sabido como era sermos ambos componentes de «A Flama».

As acusações gravíssimas que contra aquele esbirro fizemos e que continuamos a manter, ampliadas com as que atingem agora o comissário pela proteção que lhe dispensa, e a outros agentes da autoridade, pela prática de novas infâncias, formam simplesmente o pretexto invocado para cobrir de «legitimação» a vingança de que almas torvas andavam sedentas.

A grande razão que nos trouxe ao cárcere, aparentemente desfidaço com o pretexto das verdades que publicámos, reside antes na perseguição que se vinha desenhando contra nós, e nos covardes manejos dos reacionários que se sentiam incomodados com a guerra sem tréguas que lhes moviamos-com a nossa propaganda.

Desde que principiamos nosso continuo litar anti-autoritário e anti-religioso, espalhando pelos manifestos e mais meios ao nosso alcance a semente das nossas ideias de liberdade, ficámos logo apontados como inimigos.

A partir do 1.º de Maio último nossa ação tornou-se persistente e já não deixámos afrouxar nosso combate a todas as mentiras da vida actual.

Com a constituição do grupo, nessa ocasião, demos início a uma campanha sistemática que a tudo azorrava, e principiava por agitar os descontentes, fazendo-os sentir a revolta e compartilhar dos nossos desejos revolucionários.

O sentimento das injustiças sociais começava a apossear-se dos explorados e por diversas partes se rosnava já o descontentamento que os invadia.

Pensava-se na adopção dos meios sindicalistas revolucionários para a conquista de diversas regalias mais comezinhas, tais como as 8 horas de trabalho, e trabalhavam no organismo dum sindicato operário alicerçado a C. G. T. e inspirado na corrente libertária.

Tudo isto se fazia sob a inspiração das necessidades do meio onde nada existe, e estimulado pelo satisfatório êxito dos nossos esforços correspondidos pelo interesse e contentamento de muitos operários.

A par disto, pessoalmente, colaborava eu num jornal local onde me esforçava por fazer resaltar a mentira religiosa, combatendo rudemente os padres — os maiores devassos de todos os tempos e os agentes da prostituição sagrada.

Por estes motivos cresciam as inimizades contra nós e começávamos sendo apontados como perturbadores da paz leiriense, agentes do desassocoço na cidade do Liz. Os adversários não se sentiam bem e punham-se à espreita de ocasião oportuna para nos fazerem pagar caro a nossa dedicação.

Logo que chegou o momento azado não se deliveram e puseram em prática os seus desejos.

Fomos presos a 31 de Julho p. p. e com a instauração dum processo pretendiam remeter-nos a juiz a responder por injúrias e calúnias feitas à polícia.

Não podiam, porém, fazer tal visto que a razão assistia do nosso lado e a circunstância de sete guardas deporem na sínédia contra o guarda incriminado, bastava-nos como provas dos crimes que tinhamos relatado.

Necessariamente havíamos de ser postos em liberdade, dado que a arbitrariedade da nossa prisão resaltava à vista, e forte movimento de protesto se esboçava por toda a cidade.

Porém, a canáhice estava tramada e tinha fôrtemente de ser posta em prática. Faz-se uma busca ao meu quarto e fui convocado a assistir a ela. Acedi e fui na companhia do comissário e dos polícias 55 e Palmela, até minha casa.

Chegados lá começaram por farejar onde estariam as bombas e as armas. Em cima dumă cadeira, entre jornais que estavam em número avultado, rebucaram e nada viram. Proseguiram a busca em mais sitios e nada encontraram até que de novo se dirigiram para a cadeira que tinha sido vista, e ali, aproveitando um desvio da minha atenção, causado por chamanamento propositado do comissário, fizeram o simulacro do aparecimento dumă pistola «Savage».

Indignadíssimo larei o meu violento protesto contra a vileza de tais criaturas abjectas, sem carácter e de moral vil, e afirmei perentoriamente a minha inocência, socorrido do testemunho da sublocatária da minha residência que fazia a limpeza nela e nada vira antes.

Não se importaram, contudo, e senhores dum pretexto, para me perderem, deram por finda a busca sem que tudo tivessem procurado, e deixaram por visitar a minha cama e a prateleira onde estava a minha biblioteca.

Logo a seguir lavraram o auto da «apreensão», e no dia imediato me remeteram para o quartel de Infantaria 7, para me ser levantado novo auto de corpo de delito e para responder em Viseu no tribunal militar.

Para maior influência exercer no ânimo dos juizes e poderem contar como certa a

GRANDE EXCURSÃO FLUVIAL

E' definitivamente amanhã, 15 de Agosto, que se realiza o grande passeio fluvial promovido pela Comissão Escolar do Sindicato Único da Construção Civil, pela margem norte do Tejo até São Julião de Barra, com desembarque na Trafaria, onde se realizará um «pic-nic» no pinhal, depois do que prosseguirá o passeio até ao Seixal, regressando daí a Lisboa.

O transporte será feito nos melhores barcos a gazolina da Cooperativa dos Catraciros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço pelas 8 horas, seguindo depois até Belem, onde atracará num gazolina à ponta para receber os excursionistas daquela parte da cidade, devendo regressar às 20 horas ao ponto inicial do embarque.

Acompanhará a excursão um excelente grupo musical composto por elementos da Sociedade Filarmónica Verdi.

Os bilhetes estão à venda na administração de A Batalha, na residência do contínuo e na Comissão Escolar.

O seu preço é de 10\$00 e os bilhetes para crianças, de 5 a 12 anos, 5\$00. As pessoas que tiverem senhas já as podem vir trocar por bilhetes definitivos.

AS BELEZAS DO REGIME PRISIONAL

COMO SÃO TRATADOS OS PRESOS NA CADEIA DE ALDEGALEGA

Referem-se algumas boas ações praticadas por um carrasco de presos

Recebemos a seguinte carta relatando a maneira bárbara como os presos são tratados na cadeia de Aldeagalega:

Camarada redactor:—Como sei que o seu jornal é o único que pugna pela liberdade dos oprimidos, pedia-lhe a publicação desta carta, para que chegue ao conhecimento do ministro da Justiça as vilanias que são cometidas na cadeia de Aldeagalega, por um sicárius que desempenha o papel de carcereiro, que não devia desempenhar, pois que a inquisição em Portugal já acabou há muitos anos.

Encontrando-me preso com mais dois camaradas meus na cadeia do Limoceiro à ordem de comarca de Aldeagalega, por motivo de um processo querela que nos foi movido pelo delegado do ministério público dessa comarca, e tendo-nos sido marcado o julgamento para o dia 4 do corrente fomos enviados a essa dita comarca para respondermos, não se realizando o julgamento por motivo de ser preciso um juiz misto.

Uma vez que chegou à cadeia dessa comarca tive bastante ocasião de verificar as atrocidades que aí se praticam. E' sobre este ponto que venho por este meio expor ao camarada redactor as tiranias que se fazem na cadeia de Aldeagalega.

Eu, e mais um camarada desse processo, mal que chegámos fomos metidos cada um de nós no seu secrégo e fomos obrigados a dormir no chão, tendo por enxerga umas papilas podres de uma esteira que para lá estava, dando-nos como manta a cada um de nós um farroupa imundo, cheio de buracos, e os parasitas podiam-se apanhar às mãos cheias. Para lavarmos o rosto deram-nos um balde, que serve de vazo para todas as imundices das outras prisões.

Compreendo-nos, nós, de que se fazem estas coisas, e que os alunos das primeiras faculdades valorizam os seus diplomas e se lhes facilita o emprego da sua actividade, em qualquer campo, os alunos das segundas vêm a todo o momento ameaçadas as suas regalias que possuem.

Não sendo possível revogar o decreto que nos hemos na contingência de, dentro em pouco, pedir o encerramento das nossas escolas, visto então estarmos convencidos que elas de nada valem, e que sómente quem puder frequentar licenci, universidades ou escolas superiores, poderá trabalhar em Portugal, desprestigiando-se, assim, aqueles que no fim dum estudo aturado, cheio de sacrifícios e apenas por andarem numa escola do povo não conseguem ver assegurados os seus direitos a que têm jus.

Poderá isto continuar assim? Não, não pode, visto que não deve haver castas dentro dumha forma de «governo» democrática.

Em nenhum país do mundo, por mais bárbaro que seja, se dá um facto como este não se respeitando os direitos adquiridos aos alunos matriculados.

A única recompensa que têm pelo decreto em questão é de poderem ir para o Instituto Superior Técnico, depois de tirarem a carta de «agente técnico de engenharia», designação clara aos diplomados pelos institutos industriais pelo actual decreto.

Como estes alunos, em geral, são pobres e não podem ir para esta escola, e demais a mais não se sujeitaram a acamaradar com colegas que usam sapatos de polimento, luvas de camurça e monóculo, pois que, com os seus fatos coçados e remendados, rebaixavam os alunos das escolas superiores.

Assim, caso não seja revogado o decreto-burila, ficará irremediablemente isolada a cadeira a algumas centenas de alunos dos institutos, assim como aos das escolas elementares de comércio e indústria, escola por exceléncia do povo, que desejasse tirar mais alguns conhecimentos, não ficando tão leigos como os ministros que, com as últimas medidas, têm demonstrado ignorância.

Querem saber quais são algumas invenções dêsse pária?

Por agora limito-me a mencionar-lhe três:

1.º—O rancho que dão aos presos é fornecido por um hotel da terra cujo proprietário não tem consciência do crime que pratica, pois que além de extorquir ao Estado todos os meses as quantias respetantes ao pagamento dêsse rancho não se contenta senão em mandar, com o conhecimento do carcereiro, para os infelizes prê-

Todos os operários conscientes devem impedir que o seu orgão na imprensa acabe.



LUTA DE CLASSES

Os mineiros ingleses repeliram as propostas de mediação e o governo pensa em novas negociações

parte atendidas.

A mesma comissão deu pa-

recer sobre a razão de serem pagas as dife-

rencias desde a publicação da referida lei.

Assim não entendeu o então ministro de

finanças, que, por uma tabela publicada no

Diário do Governo de 5 dezembro de 1924,

mandava fazer o pagamento desde julho do

referido ano, ficando assim em dívida o

Estado a diversas classes hospitalares de

desconto meses, de janeiro de 1923 a junho de 1924.

Há poucos meses o sr. Torres Garcia denou o pagamento dessas diferenças aos

serventes e continuos dos hospitais não

sendo procedido o igual forma para as

restantes classes. Hoje, sábado, às 21 ho-

ras, reúne o pessoal dos hospitais na sede

do seu sindicato a fim de resolver a orienta-

ção a seguir para que as restantes classes

recebam também, tratando também dou-

tos assuntos de interesse colectivo.

Esta assembleia reúne com qualquer nú-

mero de sócios, esperando o sindicato,

atendendo à importância dos assuntos a

tratar, que não faltam a reunião.

A crise de trabalho na Construção Civil

A comissão de demarches do Sindicato

da Construção Civil voltou ontem a entre-

ver várias entidades com o objectivo de

conseguir colocação para os desocupados.

Da entrevista que a comissão teve com

o sr. Ortigão Peres, chefe da contabilidade

do ministério do Comércio, a propósito das

reuniões de reconstrução da ala oriental

do edifício da Praça do Comércio (Encomendas Postais) chegou a conclusão de que

mais uma vez será forçada a dirigir-se ao

ministro do Comércio para que este auto-

rize a verba já aprovada e publicada no

Diário do Governo se posta à disposição

da comissão administrativa destas

obras, a fim de evitar que estas paralisem.

Outras entidades foram entrevistadas,

entre as quais o ministro da Instrução e o

arquiteto Adão Bermudes, para reabertura

das obras dos Monumentos Nacionais.

Hoje a comissão prossegue nos trabalhos

a seu cargo, avistando-se com alguns pro-

prietários de várias obras que, devido a

fatores já expostos na Batalha, as con-

servaram fechadas, não só com prejuízo dos

desocupados, como da estética da cidade.

Uma fábrica de lanifícios convertida numa autêntica roça

OEIRAS, 12.—A fábrica de lanifícios

desta localidade é uma verdadeira roça,

com a agravante dos operários suporarem

todas as imposições vexatórias da empresa.

Os patrões esforçam-se por provocar

a crise de trabalho, recusando-se a aceitar

encomendas. As mulheres, que ultimamente

foram admitidas, estão auferindo o salá-

rio irrisório de 5\$00, metado do que ganham

nas fábricas que lá trabalham há mais tempo.

E' lamentável que haja operários que dei-

xem suas mulheres trabalhar na referida

roça por um salário tão irrisório.

Há ainda outra despicada condição: as

que saírem da fábrica só serão readmitidas